

TRILHAR & COMPARTILHAR

INFORMATIVO BIBCAV



Foto: Yatyane Barros, 2024.

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

"Colorindo a dor"

Todo semestre a disciplina de "Saúde do Homem" ministrada no Curso de Enfermagem do CAV, convida a Casa Lisbela (Centro Especializado de Atendimento à Mulher - Professora Eunice Xavier) para falar sobre a violência contra as mulheres e como esse equipamento social da Secretaria da Mulher da Vitória, atende os casos e dá apoio às mulheres. A partir da disciplina espera-se formular uma ação educativa sobre o machismo. Como afirma a professora Ana Wlândia da UFPE:

"Estamos construindo uma proposta para atuar com homens agressores junto ao ministério público e o presídio de Vitória."

Esse ano, durante o evento que foi realizado pelos alunos do 6. período de Enfermagem, além da participação da equipe da Casa Lisbela, o CAV recebeu também no espaço Tenda da Democracia, a exposição itinerante intitulada "Colorindo a dor". Essa mostra foi composta por dez quadros de dois artistas vitorienses, Elaine Teixeira e Lucas Brito, e as telas dos artistas foram inspiradas nos relatos das mulheres que são assistidas pela Casa Lisbela, que com a ajuda da Casa conseguiram sair do ciclo de violência doméstica e suas vidas voltaram a ter cor.

A ARTE RESSIGNIFICANDO A DOR

A artista e idealizadora do projeto, Elaine Teixeira, comenta sobre a exposição itinerante, destacando que seu principal objetivo é “ressignificar a dor em forma de arte”. A parceria com o artista Lucas Brito ocorreu desde a escuta do relato das mulheres, sempre buscando ressignificar a dor delas em forma de quadros artísticos.

Como forma de divulgar o trabalho e ao mesmo tempo educar, a Casa Lisbela conta a história dessas mulheres em forma de exposição, aberta a todos os públicos e itinerante em vários locais, inclusive nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAMS). Sobre o processo criativo, Elaine relata que:

“Lucas teve essa sensibilidade por essa causa, a violência doméstica, teve esse olhar sensível, porque essa exposição não é só sobre a mulher, é a questão de olhar, que a arte tem esse poder, de fazer você sentir, mesmo sem palavras. Quisemos trazer isso em forma de obra de arte, em telas pintadas”.

Além dos quadros, a exposição “Colorindo a dor” também inclui uma mostra de camisetas elaboradas a partir das falas e frases mais ouvidas pelas mulheres vítimas de violência. São frases de efeito, algumas até recorrentes no dia a dia das pessoas. Além das frases, as camisas em tom avermelhado, evidenciam a dor e o sofrimento das mulheres violentadas, acendendo um alerta para o observador.

Fotos: Yatyane Barros, 2024.



Enquanto instituição a “Casa Lisbela” já existe há um bom tempo, mas nos últimos anos tem alcançado maior destaque e repercussão devido a ampla divulgação das ações realizadas.

De acordo com Maria Larissa, advogada da Casa, o espaço é um órgão que funciona dentro da Secretaria da Mulher, local de atendimento e escuta humanizada a estas mulheres. Geralmente elas chegam na casa vítimas de violência, muitas vezes não só física, mas psicológica, moral, sexual e patrimonial.



Fotos: Yatyane Barros, 2024.

CELEBRANDO A CULTURA INDÍGENA

Reconhecimento e Respeito

Nos últimos anos, no Brasil, alguns marcos regulatórios contribuíram para que as Instituições de Ensino Superior (IES) enveredassem esforços para inserir os povos indígenas na educação superior. Na UFPE, o Centro Acadêmico do Agreste (CAA) como iniciativa oferta o curso de *Licenciatura Intercultural Indígena* com o objetivo de formar docentes indígenas para atuarem nas escolas das aldeias. No Campus Vitória da UFPE, merece destaque a disciplina “Saúde Coletiva e Povos indígenas”, ofertada pelo Curso de Saúde Coletiva desde 2014. Sobre a sua importância, o professor René Duarte, responsável atualmente pela disciplina, afirma que:

“É uma disciplina eletiva, ofertada para todos os cursos do CAV, mas que parte do Núcleo de Saúde Coletiva. Tem uma preparação teórica, mas a grande parte da carga horária é prática, onde leva os estudantes para o Povo Xukuru, onde têm dois dias de atividade, os alunos não ficam dentro do território, ficam em Pesqueira, mas pela manhã e tarde vão ao território para as atividades”

UM POUCO SOBRE A DISCIPLINA

A disciplina apresenta uma perspectiva interdisciplinar e aborda questões como a estrutura sócio-política do Povo Xukuru, como eles se organizam, o contexto histórico de vivências e pressões, e como eles vivenciaram essa reorganização enquanto povo, após as violências que sofreram. É focada na Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas - PNASP (2002), que traça diretrizes para a obtenção e execução de um subsistema de atenção indígena, organizado de forma a prover a atenção a saúde, principalmente do componente básico que acontece no território e trazendo uma possibilidade dentro de suas diretrizes, incluindo a prática da sua própria medicina.

“Saúde Coletiva e Povos indígenas” é uma disciplina fundamental para abordar com os estudantes a perspectiva da saúde indígena, por isso, vai se tornar obrigatória na nova matriz do Curso de Saúde Coletiva, segundo René Duarte. Nela, a saúde indígena é discutida de maneira diferenciada, com um território heterogêneo, entendendo que esta saúde não possui um padrão em todo o território, porque há uma diversidade de culturas. Para o professor René Duarte:

“Existe um modelo de atenção à saúde no qual são providas a assistência à saúde nos moldes, basicamente, da Atenção Básica e do SUS, no entanto, há espaço para que essa saúde seja praticada por indígenas por meio de suas práticas tradicionais como uso de ervas, das rezas e dos cultos”.

No território indígena são debatidas a saúde indígena e a saúde que a eles é ofertada, bem como as suas facilidades e dificuldades, processos históricos, organização sócio-política, lideranças, espiritualidade e fé, rituais e culturas. Nesse momento, os alunos têm oportunidade de visitar diversos pontos do território, terreiro, terra sagrada, espaço da assembleia Xukuru, a casa de sementes, além das estruturas de saúde.



Foto: Divulgação Povo Xukuru.



Fotos: René Duarte, 2024

»»»»»»»» Em território do povo Xukuru ««««««««

Durante o semestre letivo os alunos realizam um estudo de caso com o Povo Xukuru. A partir dessas experiências, o professor René Duarte relata que costuma ouvir dos Xukurus que eles estiveram na Universidade, cursaram seus cursos e em nenhum momento, tiveram a oportunidade que os alunos da disciplina estão tendo, de visitar um território indígena e fazer a discussão escutando os povos indígenas.



Foto: René Duarte, 2024.

Essa vivência vai para além da disciplina e discussão de saúde indígena, pois oportuniza aos estudantes escutar sobre quem são os indígenas, suas histórias, suas culturas, a partir da fala deles. Isso minimiza aquela folclorização sobre os indígenas, propagada nos livros didáticos reverenciando o dia 19 de abril. É mostrado aos estudantes como as populações se organizam, como constituem seus movimentos sociais, como obtiveram suas conquistas e quais violências sofreram. Apesar das mediações nos debates construído pela disciplina, a fala no território é dos indígenas.

»»»»»»»» O acesso à Universidade ««««««««

Na UFPE, o acesso do estudante indígena é facilitado pelo sistema de cotas, que reserva vagas para candidatos que estudaram todo o ensino médio em escolas públicas, estudantes de baixa renda, pretos e pardos, indígenas, quilombolas e pessoas com deficiência, conforme a Lei nº 14.723/2023.

As cotas representam uma conquista para para os estudantes indígenas, que durante muito tempo foram excluídos do ensino superior, além de enriquecer o universo acadêmico com diferentes perspectivas e contribuições. Assim, o sistema de cotas ajuda a combater estereótipos e preconceitos, promovendo a equidade, a diversidade e o respeito à pluralidade cultural, propiciando um ambiente mais inclusivo e representativo.

Para a estudante Yatyane Verissimo de Barros, indígena da etnia Fulni-ô na região do município de Águas Belas-PE e aluna do curso de Nutrição no Campus Vitória:



“Mediante o sistema de cotas estou tendo a oportunidade de realizar meu sonho, que é estudar em uma boa universidade, tenho muito orgulho de estudar em uma universidade avaliada como 9º melhor do país. O sistema de cotas possui grande importância, pois promove a inclusão da diversidade do país ao ensino superior, possibilitando assim, a diminuição das desigualdades históricas e sociais enfrentadas pelos povos originários.”

Com relação a cultura, Yatyane afirma que os Fulni-ôs residem na Aldeia, porém no período de três meses deslocam-se para o Ouricuri (retiro sagrado), onde são realizados os rituais, um espaço dentro da mata, sem energia elétrica e área telefônica, onde os indígenas se conectam com a natureza e se prendem unicamente a sua cultura.

Destacam-se, também, as danças culturais como a cafurna, toré e samba de coco além da pesca e caça. Muitos indígenas sobrevivem da confecção de artesanatos, como esteiras, vassouras, bolsas, brincos, anel de coco, pulseiras e cocar. Cada etnia possui sua forma de pintura, os fulni-ô utilizam o “thawá”, uma pedra que libera uma tinta vermelha e o jenipapo que libera uma tinta quase preta. Uma peculiaridade que vale ressaltar, os indígenas fulni-ô mantêm seu idioma, o Yaathe, falado com o intuito de perpetuá-lo.



Cocar - Artesanato
Indígena Fulni-ô



Ouricuri Indígena Fulni-ô -
Retiro Sagrado



Maria Veríssimo, 99 anos.
Indígena mais velha da
etnia Fulni-ô

Yatyane conclui que tem como objetivos disseminar sua cultura para que as pessoas conheçam um pouco mais sobre a etnia fulni-ô e também sobre outras culturas indígenas do país.

“Pretendo retribuir para o meu povo um pouco do que me foi oferecido, através da minha futura profissão como nutricionista, pois há uma preocupação com a mudança de hábitos alimentares, isso se dá pela inserção e proximidade com os brancos (não indígenas), atualmente a alimentação se assemelha muito com a típica do nordeste. Interessante como a interação entre brancos e indígenas tenha agregado positivamente e negativamente, culturalmente falando.”

**YADÊ FATHOWALWA YAK'TOWA SÊSA EKAK'DÔTKYA! -
NENHUM DE NÓS É MELHOR QUE TODOS NÓS JUNTOS!**

Dia da Mulher: InspirARTE!

O Dia Internacional da Mulher foi marcado por uma exposição interativa no hall do térreo da Biblioteca do CAV. Durante a exposição as pessoas puderam expressar seus sentimentos a partir de poesias e frases marcantes sobre a trajetória e espaço da mulher.

Esse material ficou exposto a comunidade em forma de varal literário.



A InspirARTE apresentou também trabalhos e textos de personalidades femininas com destaque na política, na literatura e na música. Essa ação concorreu para inspirar o público a conhecer um pouco do talento dessas mulheres incríveis.

Em março além do dia Internacional da Mulher também é comemorado, no dia 12, o dia do Bibliotecário. Parabéns as mulheres Bibliotecárias do CAV!



Bibliotecárias: Da esquerda para direita temos, Jaciane Freire, Giane da Paz e Ana Lígia Santos.

Editorial: Biblioteca do Centro
Acadêmico da Vitória - UFPE | ©2024

Sugestão de matéria ou dúvida:

bibcav@ufpe.br

Fone: (81) 3114-4112

